

Estudo epidemiológico das alterações oculares em hansenianos no Amazonas

JACOB MOYSÉS COHEN

ORIENTADORA: PROF^a DRA. MARIA DE LOURDES VERONESE RODRIGUES

TESE DE DOUTORAMENTO APRESENTADA À FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO - 1996

O aparelho visual apresenta-se freqüentemente comprometido na hanseníase. O autor estudou 1056 pacientes ambulatoriais (14,00% do registro ativo do Estado do Amazonas), representativos das várias formas clínicas da doença e em diferentes estágios do tratamento. O exame oftalmológico incluiu a medida da acuidade visual; o exame biomicroscópico do globo ocular e anexos; tonometria de aplanação; medida da sensibilidade da córnea com estesiômetro de Cochet &

Bonnet; gonioscopia e oftalmoscopia. Foi registrado um índice de 32,01% de comprometimento ocular. A acuidade visual estava comprometida em 257 olhos (12,30%) e 101 pacientes (9,68%) tinham acuidade visual menor que 0,1 em ambos os olhos. A causa mais freqüente de cegueira nesta série de pacientes foi alterações da córnea seguida de alterações de íris. O autor identificou vários fatores de risco para glaucoma nos pacientes estudados. Foram encontradas alterações fundoscópicas

em 3,5% dos pacientes. A maior freqüência de lesões oculares leprosas foi encontrada nas formas multibacilares da doença, e os estados reacionais que constituí um agravo adicional ao olho estavam relacionados com a gravidade e a freqüência dessas alterações. O tempo de evolução estava também relacionado com a freqüência e a gravidade das alterações oculares.

Palavras-chave: Hanseníase; Hanseníase ocular; Lepra ocular; Epidemiologia da lepra no Amazonas.

Resistência à pressão intra-ocular e aspectos histopatológicos em ferimentos perfurantes corneanos colocados com fibrina

José Américo Bonatti

ORIENTADOR: PROF. DR. HISASHI SUZUKI

TESE DE DOUTORADO APRESENTADA NO DEPARTAMENTO DE OFTALMOLOGIA DA FACULDADE DE MEDICINA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, 1996

Desenvolveu-se cola de fibrina, equipamento para geração e registro de pressão intra-ocular (com faixa de medida de zero a 480 mmHg) e estudou-se, em córneas de cães perfuradas e tamponadas com fibrina, a pressão intra-ocular suportada e aspectos histopatológicos, ao longo de 28 dias. Um total de 74 olhos de cães, submetidos a trepanação de córnea com diâmetro de 3 mm e a colagem do orifício resultante com fibrina, com câmara anterior profunda, sem sinéquia anterior e sem infecção, foram divididos em 2 grupos: um grupo para estudo da resistência a pressão intra-ocular e

outro para estudo histopatológico. Cada grupo continha 6 subgrupos, de acordo com os períodos pós-operatórios: 2 horas e 3, 7, 10, 14 e 28 dias. A pressão intra-ocular mínima suportada foi de 11 mmHg, com ruptura da região colada, no período pós-operatório de 2 horas. A pressão máxima suportada foi maior que 480 mmHg, limite de medição do equipamento. A pressão intra-ocular suportada pelas córneas, seguida de ruptura, aumentou progressiva e linearmente entre 2h e 10 dias de pós-operatório ($p \leq 0,05$). O estudo histopatológico demonstrou epitelização sobre o orifício corneano

tamponado com fibrina no 3º dia pós-operatório. Ao longo dos 28 dias pós-operatórios, o estudo histopatológico demonstrou progressiva substituição da cola de fibrina por cicatriz na região correspondente ao estroma corneano. A pressão intra-ocular suportada por perfuração corneana colada por fibrina aumentou ao longo do tempo, à medida que a fibrina foi substituída por cicatriz. A cola de fibrina e o equipamento de geração e registro de pressão intra-ocular desenvolvidos foram construídos com materiais facilmente acessíveis num hospital geral.